

O PAPEL DO ENTORNO SÓCIO - CULTURAL NO DESENVOLVIMENTO DO TRABALHO PEDAGÓGICO POTENCIALIZADOR. Silvana Paulina de Souza. PPGE – F.F.C – UNESP/Marília – SP; Grupo de Pesquisa Processos de leitura e de escrita: Apropriação e objetivação. silvanapaulina@uol.com.br

A compreensão da forma com que o aluno se apropria de um objeto de conhecimento para se tornar intencionalmente independente e atuante sobre o mundo, para aprender e apreender aquilo que diz respeito às necessidades de sua época é uma preocupação constante daqueles que desejam a formação de um sujeito autônomo. Alguém que interaja com conteúdos significantes, produza e não apenas reproduza conhecimentos, torne-se crítico e capaz de atuar e transformar a própria vida, sua realidade e aplicar o conhecimento em situações de uso funcional da linguagem. Para isso é necessário que ele se aproprie das relações e significações da língua, aja sobre ela e apodere-se dos saberes para sua própria vida.

A teoria que embasa estes pressupostos apresenta o desenvolvimento do indivíduo como resultado de um processo sócio-histórico e enfatiza o papel da linguagem e da aprendizagem nesse desenvolvimento. O centro das discussões é a aquisição de conhecimentos pela interação mediada do sujeito com o meio. Contrapõe-se a outras concepções que apresentam os conceitos de homem e de desenvolvimento humano fundamentado na herança biológica e nas qualidades inatas do homem que determinam o seu desenvolvimento. Desse ponto de vista, as capacidades humanas seriam fixas e imutáveis e o seu desenvolvimento não seria percebido como um processo e menos ainda como um processo educacional.

A Teoria Histórico-cultural revela que a formação do ser humano é um processo de desenvolvimento que resume todo o processo de transição e formação do Ser Humano. Um conjunto de elementos produzidos pela história humana, que tendo uma base biológica inicia a formação da natureza humana. Esse processo avança impelido pelas necessidades de construir instrumentos que o auxilia nesta transformação. Fato que ocorre, ainda hoje, quando utilizamos instrumentos para desenvolver uma ação de acordo com nossas necessidades.

Nesta dinâmica se reconhece que o homem é produto da sua própria história e que o processo de formação do humano no homem não é dado biologicamente, tem que ser construído, apropriado. Esta concepção se fundamenta no materialista dialético

de Marx, que percebeu o quanto as mudanças históricas e materiais da sociedade produzem alterações na natureza humana, ou seja, condiciona a formação e o desenvolvimento da sua inteligência e personalidade.

“O animal precisa se *adaptar* à natureza para sobreviver e perpetuar sua espécie; o homem, porém, embora mantenha sua base animal, *adapta* a natureza às suas necessidades, as quais foram criadas ao longo do próprio processo de *transformar* a natureza, dando-lhe um sentido sócio-histórico. Isto é, *transformar* essa natureza, *adaptando-a* a sua existência histórico-social. Dessa forma, além de *transformar* a natureza ele *transforma* a si mesmo”. (grifos da autora), (Oliveira, 2006, pp 21-22)

O ser humano se apropria das qualidades humanas ao se apropriar dos objetos da cultura que são histórica e socialmente construídos. Cria condições e capacidades mentais para se apropriar deste conhecimento numa dinâmica de produção e transformação. Movimento dinâmico e dialético que permite a alteração do seu modo de pensar e o modo de fazer e se torna responsável pelas suas representações e idéias. Estas nascem de um processo vital gerando novas necessidades, por exemplo, a necessidade de comunicar-se, de dizer algo ao outro e de promover trocas. Cria a linguagem.

A linguagem surge das relações do homem em uma prática social e se articula, não pela prática humana simplesmente, mas pelas novas relações sociais entre os homens surgidas sob a base da fala e dos produtos da cultura. O surgimento da linguagem representa um salto qualitativo na evolução da espécie e auxilia o homem na organização do pensamento, na generalização de conceitos, guia os comportamentos, auxilia na execução e planejamento das ações e passa a ser um instrumento de produção e é mediadora entre o sujeito e o objeto do conhecimento. As operações complexas realizadas pelo cérebro e as objetivações cada vez mais elevadas estimuladas pela palavra articulada e pelo trabalho se desenvolvem e se aperfeiçoam. Através da linguagem as funções psíquicas superiores são socialmente formadas (desenvolvidas) e culturalmente transmitidas, assim sendo, elas serão produzidas com estruturas diferentes para sociedades e culturas distintas. Estabelece-se relações que permitem a organização da vida em sociedade. O aperfeiçoamento aparece em razão do crescimento da produção e da população. O ambiente escolar, espaço onde ocorre as relações intencionais de educação, quando bem organizado favorece a concretização destes pressupostos. Discutiremos com mais clareza adiante.

Segundo os estudos de Vigotsky o funcionamento do cérebro humano tem uma base biológica, suas peculiaridades definem limites e possibilidades para o desenvolvimento humano. Considerando que a história do desenvolvimento do homem é uma história de suas relações com o mundo. Essas concepções fundamentam a idéia de que as funções psíquicas superiores, entre elas a linguagem, são construídas ao longo da história social do homem, por meio de sua relação com o mundo. Elas referem-se a processos voluntários, ações conscientes, mecanismos intencionais e dependem de processos de aprendizagem.

“Se hace evidente aquí, como ya dijimos antes, el por qué todo lo interno en las formas superiores era forzosamente externo, es decir, era para los demás lo que es ahora para sí. Toda función psíquica superior pasa ineludiblemente por una etapa externa de desarrollo porque la función, al principio, es social”. (Vigotsky, 1995, 149 –150)

Por meio destes dados é possível concluir que a aprendizagem é o processo de apropriação pelo sujeito dos conhecimentos historicamente construídos, do patrimônio cultural criado histórico e socialmente pelas gerações anteriores. O desenvolvimento de cada indivíduo é resultado das suas aprendizagens e das relações vividas.

“Aprendizagem é uma articulação de processos externos e internos visando a internalização de signos culturais pelo indivíduo, o que gera uma qualidade auto-reguladora às ações e ao comportamento dos indivíduos. Esta formulação realça a atividade sócio-histórica e coletiva dos indivíduos na formação das funções mentais superiores, portanto o caráter de mediação cultural do processo do conhecimento e, ao mesmo tempo, a atividade individual de aprendizagem pela qual o indivíduo se apropria da experiência sócio-cultural como ser ativo”. (LIBÂNEO, 2004, p. 6)

Segundo Vigotsky deve se considerar que a aprendizagem da criança se inicia bem antes da aprendizagem escolar, ou seja, a aprendizagem escolar tem uma pré-história, ela é precedida de uma etapa de desenvolvimento. Ao ingressar na escola a criança possui um grande patrimônio das características humanas. Ainda a assimilação das qualidades humanas cristalizadas no uso social dos objetos, das produções históricas só ocorre por meio da

mediação, do contato com o produto histórico por meio de um parceiro mais experiente, são apreendidas pelas novas gerações através de outros que sabem utilizá-los. Porém, para que sejam apropriadas precisam ser vivenciadas nas relações entre as pessoas. Esse processo pode ser espontâneo ou intencional. Neste sentido, afirma Duarte (1988, p.47):

“O processo de educação ocorre quando para se apropriar dos resultados do desenvolvimento histórico das aptidões humanas e para fazer delas as suas aptidões, os órgãos da sua individualidade, a criança, o ser humano, deve entrar em relação com fenômenos do mundo circundante através doutros homens”.

Com esta compreensão a educação escolar, para cumprir o seu papel, deve ser composta de ações intencionais, de ações de mediação cultural e prática intencional do trabalho do professor. O elemento nuclear da escola é a atividade de aprendizagem. As atividades educacionais devem desenvolver no indivíduo capacidades para transformação e redefinição de seus objetivos de acordo com suas necessidades. Considerar o entorno sócio-cultural do aluno é fundamental que a ação de intervenção e mediação do professor possa permitir a continuidade do desenvolvimento do educando.

Para evitar compreensões errôneas é importante compreender o conceito de atividade na Teoria Histórico-Cultural. Ela distribui a ação do sujeito sobre o objeto em duas possibilidades: a própria atividade e a ação. A atividade é caracterizada por dois elementos: um é a relação entre motivo e produto, quanto mais direta for esta relação maior o sentido que isso faz para o sujeito. O sujeito que está motivado pelo produto, este terá maior sentido para o sujeito. A segunda é a experiência emocional nela envolvida. No caso, o sujeito quando atua motivado por conhecer e o seu resultado for coincidente, então o seu fazer tem um profundo sentido para o sujeito, e ele está envolvido neste fazer numa experiência emocional, inteiramente envolvido na atividade. Toda atividade de criação envolve o homem inteiro, de forma homogênea. Existem atividades heterogêneas que não envolvem o sujeito inteiro, ela não é intelectual, é só de produção. Quando a criança faz uma ação sem sentido, sem envolvimento emocional ou de forma homogênea, numa situação onde não há relação entre motivo e produto, será apenas uma tarefa. A característica principal da atividade é a coincidência entre motivo e objetivo, na ação o motivo não coincide com o objetivo.

A atividade não é uma resposta pronta a um estímulo culminado com uma ação pré-determinada biologicamente. Ela se remete a uma mediação entre o homem e o meio, que por sua vez foi modificado, sofreu influência do próprio homem. É uma ação intencional, que objetiva um resultado, é orientada a um fim.

Na escola, para que o aluno se interesse mais por um ou outro objeto é necessário se estabelecer tarefas cujo objeto ocupe importância em sua atividade. As ações desenvolvidas em sala de aula, para que sejam atividades, deve-se considerar as características pessoais de cada criança, reconhecer seus diferentes ritmos de desenvolvimento e aprendizagem e a diversidade de contextos sociais e naturais. As idéias prévias das crianças funcionarão como base para o trabalho cotidiano com o mundo natural e social, e para sanar sua curiosidade perante os fenômenos naturais, acontecimentos sociais e objetos da realidade.

O conceito de mediação é outro elemento central para a compreensão desta concepção sobre o desenvolvimento humano como processo sócio-histórico. Enquanto sujeito do conhecimento o homem tem acesso mediado por várias relações com os objetos. A ação mediadora exercida pelo adulto entre a criança e o mundo é fundamental para as noções que esta construirá, e se manifestará nas suas interações corporais expressivas e verbais com os outros e os objetos. Logo, torna-se central observarmos como se constitui o sujeito. O trabalho do professor é de mediação intencional e tem por finalidade a formação no aluno das suas máximas possibilidades. Ele quem deve preparar atividades didáticas interessantes que proporcionem a construção do conhecimento e que permitam a criança por em jogo suas competências cognitivas e afetivas obtida num constante de conflitos ao interagir com o mundo. Ele deverá elaborar, intencionalmente, mediações que ajudarão no processo de apropriação dos conhecimentos elaborados historicamente. Esta influência mútua acontece se for proporcionado ao aluno um espaço de aprendizagem mais prazeroso e mais significativo que lhe permita o acesso a diferentes suportes de textos, tendo uma prática continuada de produção do conhecimento na sala de aula, acompanhada de um trabalho de reflexão da experiência e experiência de reflexão. O papel do professor é de mediador da aprendizagem das crianças com o entorno cultural e social e como o outro mais experiente auxiliará o aluno no desenvolvimento das capacidades psíquicas superiores.

A educação, neste sentido, deve entender que o conhecimento é construído numa relação dialética entre sujeito e objeto, isto é, entre o sujeito e o seu entorno sócio-cultural. Esta

práxis educativa permitirá que o educando construa a si mesmo e o seu mundo, de forma livre e autônoma, nas esferas cultural, político e econômico.

Diante deste quadro podemos concluir que o aprendizado significativo ocorre nas relações sociais em ambientes que possibilitam trocas e interações, despertando o interesse e curiosidade dos indivíduos envolvidos no processo. Num espaço repleto de significações concretas e abstratas e está constituído de matérias com seu simbolismo e interação com as relações formais e informais que caracterizam um aprendizado tornando-se parte dele. O papel do espaço é essencial às relações que mantemos com o mundo por meio das ações humanas. É através delas que os lugares ganham expressões e significados, tornando-se parte da vida e história do indivíduo. Neles, são acumuladas experiências, afetos e aprendizados especialmente destinados a tais processos. O reconhecimento do espaço de aprendizagem pelo educador é etapa preliminar ao desenvolvimento das atividades. Neste sentido, é conveniente analisar quais são as condições mínimas que deve ter a escola a nível geral e como a presença e ou ausência das mesmas podem favorecer ou atrapalhar o desenvolvimento do aluno e das suas relações escolares.

A preocupação com a ambientação é para que se permita ao aluno condições de aprendizagem e construção de seus conhecimentos discursivos e lingüísticos, objeto desta pesquisa, em um ambiente motivador, envolvente e significativo, que ocorra de forma agradável e entusiasta e que seja levado a reconhecer outras fontes de informações existentes. Criar lugar e momentos adequados que permitam reflexão e operação com a linguagem em situação de comunicação, oriunda de práticas sociais, visando à aquisição das capacidades enunciativas, de modo que garanta a aprendizagem com a preocupação em desenvolver as capacidades discursivas.

Esta preocupação se justifica por ser, a ambientação, um elemento motivador e envolvente na aprendizagem da criança. A criança chega à escola com curiosidades e necessidades de aprendizagem a serem satisfeitas e ampliadas por meio de um ensino intencional e compartilhado.

A necessidade de transformação de tal situação obriga-nos a pensar com seriedade na questão de se formar ambientes desafiadores, porém não padronizado e, por outro lado, a reconhecer os inúmeros aspectos nela implicados. É necessário considerar os conceitos de espaço a serem utilizados, e as diferentes demandas e necessidades de alunos, professores e programas de ensino.

Os ambientes de aprendizagem podem apresentar diferentes configurações que deverão permitir ao aluno momentos de ações individuais e momentos de ações coletivas. Há que se lembrar que os espaços devem receber interferência dos próprios indivíduos que se utilizam dele, seja fechado ou aberto, e que sejam concebidos como lugares de construção de conhecimento e de significados essenciais à vida individual e coletiva e à constituição dos sujeitos e de suas identidades pessoais e culturais.

A sala de aula quando concebida como um espaço onde, através das relações sociais e das atividades de linguagem, o aluno sente-se colaborador e construtor do conhecimento, passa a ser um ambiente onde ocorrerá o exercício de trocas simbólicas, de construção de sentidos e comparação de saberes. É através destas relações que os alunos podem contribuir com seu patrimônio pessoal. Este espaço passa a ser uma referência para ações de aprendizagem, conseqüentemente possuirá uma carga de elementos significativos que podem contribuir para o sucesso do aluno.

Considerando que interação é um processo global implicará na compreensão de que é um assunto que envolve toda comunidade escolar e não somente o professor. A medida em que o grupo for solidário com a proposta, as ações que se empreendem contarão com o respaldo e será de responsabilidade de todos, assim terão maior impacto. Para que isto ocorra se supõe a existência de uma estrutura organizacional: direção, coordenação e professores que apóie e coordene as diferentes decisões e ações, onde se respeite e partilhe o saber de cada um. O compromisso garantirá igualmente a continuidade necessária a todo processo sem rupturas ou retrocessos aproveitando o valor da experiência acumulada. Tudo isso implica em abertura e flexibilidade da escola para realizar trocas, ajustes e adequações pertinentes.

Fundamentando-se na Teoria de Enunciação bakhtiniana, que propõe uma revisão nos métodos e currículos escolares baseando sua organização em gêneros discursivos, sejam orais ou escritos, este tipo de proposta envolve também e efetivamente os gêneros que circulam na sociedade, e que permite a criação de situações reais de ensino, capazes de responder os “para quês” e os “porquês” da leitura e da escrita, e a quebra da artificialidade do “material escolar”, feito de fragmentos e adaptações especialmente selecionados para fins didáticos.

Ao se buscar soluções para o aprendizado, seria possível encontrar um caminho para obtenção de resultados satisfatórios e deixar o aluno minimamente habilitado a reconhecer e trazer para sua vivência os conhecimentos adquiridos. Nesta perspectiva, por

exemplo, a Metodologia de Projetos permite um trabalho de contextualização e oferece reais condições de ambientação, que por sua vez dão abertura às muitas relações com o mundo real. Esta permite uma abordagem interdisciplinar com a intenção de que o conteúdo não permaneça fechado em uma única disciplina, mas com o reconhecimento dele como objeto de estudo, pesquisa e fonte de informações.

É necessário que haja a preocupação em preparar o aluno para uma participação efetiva na construção de seu conhecimento e seu uso em suas práticas sociais e interação com o mundo em que aprenda em contexto significativo. Este processo se dá de forma que o seu conhecimento prévio e as suas interferências sejam valorizados. Desta forma, uma das questões que se apresenta, é referente à sala de aula, se ela facilita ao aluno constituir-se como interlocutor, discutir seu ponto de vista, dar sua opinião, fazer propostas e se os temas atingem seus interesses, de tal forma a contribuir suficientemente na preparação de uma participação crítica e autônoma do processo de aquisição de seu conhecimento, na autonomia, no sentido de ser capaz de interagir com o meio, fazendo as objetivações e apropriações.

Neste sentido, também é preciso repensar a formação das pessoas diretamente envolvidas na educação de crianças nos primeiros anos de vida escolar, aqui neste trabalho enfocando o ciclo I do Ensino Fundamental, e em como organizar a ambiente da sala de aula de forma a garantir a aprendizagem e o desenvolvimento do aluno, reconhecendo que os Projetos são uma das situações que podem resultar em diferentes produtos, envolvendo o aluno com sua própria aprendizagem. Atividades, antes desinteressantes, podem ganhar sentido no interior do projeto. Segundo Stella Miller:

"É necessário que a escola e a sala de aula sejam espaços nos quais os alunos possam compartilhar idéias, vivenciar experiências num ambiente de solidariedade e colaboração, bem como manter um relacionamento com o conhecimento e a cultura que estimule a busca, a comparação, a crítica, a iniciativa e a criação." (1998, p. 70).

Contextos significativos e estimuladores são utilizados para ensinar e aprender. Faz-se necessário a comparação e seleção de recursos mais expressivos, argumentos mais convincentes no intuito de que o aluno aprenda em situações semelhantes às que encontra fora da escola. Por isso, o indivíduo que fizer uso da educação libertadora e transformadora deverá ser capaz de agir, pensar, criar, conscientizar, testemunhar e reconhecer-se como uma síntese da história humana e agente da construção

desta mesma história.

Neste sentido convém pensar na proposta de Mészáros (2005) para que haja uma mudança educacional articulada e redefinida, uma reestruturação radical para superação da dualidade existente no sistema educacional hoje. Ele propõe que a educação deva provocar rupturas e romper com o controle e a lógica do capital. Ter o ser humano como parâmetro a fim de que a tarefa educacional proporcione uma educação plena para toda a vida, com todos os meios disponíveis, bem como com os meios ainda a ser inventados. Nela alunos e educadores serão agentes ativos de transformação, serão produtores de sua própria história.

Partindo destes pressupostos é necessário reconhecer que por meio de ações educacionais intencionais e articuladas poderá se concretizar a formação do sujeito autônomo. Aquele que se reconhece como formador e transformador de sua própria história e de seu meio social e cultural. Busque em seu entorno os instrumentos que permitam o seu desenvolvimento interagindo com os outros, criando os elementos de sua individualidade. A escola nesta dinâmica deve ser um entorno que dê aos sujeitos as oportunidades para que se reconheçam como parte do mundo, ofereça os conhecimentos construídos historicamente e permita que os indivíduos deles se apoderem.

BIBLIOGRAFIA

- BAKHTIN, M. ***Marxismo e Filosofia da Linguagem***. 7ª ed., S Paulo, Hucitec, 1995
- DUARTE, NEWTON. **A Individualidade Para Si**: contribuição a uma teoria Histórico - Social da formação do indivíduo. Campinas. Autores Associados, 1993.
- ENGELS, Friedrich. **Sobre o Papel do Trabalho na Transformação do Macaco em Homem**. In: *Obras Escolhidas*. Vol. II. www.marxists.org
- JOLIBERT, Josette. **Formando Crianças Leitoras**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- JOLIBERT, Josette. **Formando crianças produtoras de texto**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.
- LEONTIEV, A. N. **A Démarche Histórica no desenvolvimento do psiquismo**. In *O desenvolvimento do psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978
- LEONTIEV, A. N. **O homem e a cultura**. In *O desenvolvimento do*

- psiquismo*. Lisboa: Livros Horizonte, 1978
- LIBÂNEO, J. C. **A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender - a Teoria Histórico-Cultural da atividade e a contribuição de Vasili Davídov**.
www.scielo.br/pdf/rbedu/n27/n27a01
- MARX, K., ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Martin Claret, 2006
- MÉSZÁROS, István. **A educação para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2005
- MILLER, Stela. **O Epilingüístico: Uma ponte entre o lingüístico e o Metalingüístico (Trabalho com narrativas)**, Tese para obtenção do Título de Doutorado, Unesp, Marília, 1998.
- OLIVEIRA, Betty A. **Fundamentos filosóficos marxistas da obra vigotskiana: a questão da categoria de atividade e algumas implicações para o trabalho educativo**. In, MENDONÇA, Sueli G. de L. & MILLER, Stela. *Vigotski e a escola atual: fundamentos teóricos e implicações pedagógicas*, Araraquara, SP: Junqueira&Marin, 2006.
- ROJO, R. **A prática de linguagem em sala de aula: Praticando os PCNs**. Campinas, SP: Mercado de Letras: 2000.
- SCHNEUWLY, B., DOLZ, J. & COL. **Gêneros orais e escritos na escola**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2004.
- TALIZINA, N. **Psicología de la enseñanza. Biblioteca de psicología soviética**. Tradução del ruso por Ana Clavijo. Moscu. Editorial Progreso, 1988.
- MELLO, Suelly A. **Algumas contribuições da escola de Vigotsky para a compreensão dos problemas de indisciplina na escola**. In GARCIA, W. G. & GUEDES, A. M. Org. *Pró-reitoria de graduação: Núcleos de Ensino*. UNESP- São Paulo. 2003
- VÉNGUER, L. & VENGUER, A. **El nacimiento de la inteligencia**. In VÉNGUER, L. & VENGUER, A. **Actividades inteligentes: jugar en casa nuestros hijos em edad preescolar**. Oviedo, Espana: Visor Distribuciones S.A., 1993, p. 7-18.
- VIGOTSKY, L.S.. **Gênesis das Funções Psíquicas Superiores**. In *Obras Escogidas*, Vol. III. Madrid: Visor. 1995.:
- VIGOTSKY, L.S. **El Problema Del entorno**. The problem of the enviromente in the Vygotsky. Readers, 1994. (Tradução – Uniiversidade de Havana-Cuba)
- VIGOTSKY, L.S, LEONTIEV, A. N. & LURIA, A. R., **Linguagem, Desenvolvimento e Aprendizagem**. Tradução: Maria Penha Villalobos. São Paulo:Ícone: Edusp, 1998